

RAÇA NA LITERATURA TARDO-MEDIEVAL: O CASO DO REI DE TARS (C.A.1330)

RACE IN THE LATE MEDIEVAL LITERATURE: THE CASE OF KING OF TARS (C.A. 1330)

Bruno Uchoa Borgongino

Universidade Federal de Pernambuco
uchoa88@gmail.com

Resumo: Ao contrário do que comumente imaginamos devido às convenções culturais e acadêmicas estabelecidas no oitocentos, os cristãos medievais não desconheciam a diversidade de fisionomias humanas. Nos textos produzidos no decorrer do período, homens e mulheres da Idade Média demonstraram ciência de existirem sujeitos negros no mundo. Neste artigo, pretendo apresentar os referenciais teóricos e metodológicos pelos quais venho empregando em minhas pesquisas sobre menções a negros na documentação medieval. A fim de ilustrar as operações sugeridas, aplico o referido instrumental ao poema inglês tardo-medieval Rei de Tars.

Palavras-chaves: raça, negros, Rei de Tars

Abstract: Contrary to what we commonly imagine due to the cultural and academic conventions established in the eighteenth century, medieval Christians were unaware of the diversity of human physiognomies. In the texts produced during the period, men and women of the Middle Ages demonstrated to know that there are black subjects in the world. In this article, I intend to present the theoretical and methodological references for which I have been employing in my research on mentions of blacks in medieval documentation. In order to illustrate the suggested operations, I apply the aforementioned framework to the late-medieval English poem King of Tars.

Keywords: race, blacks, King of Tars

Quando pensamos no período convencionado como Idade Média, parece-nos estranha, ou até mesmo incabível, a presença de negros. Em nossa imaginação, a época é povoada por cavaleiros, camponeses, donzelas, mercadores, clérigos... vários personagens. Todos brancos. As tentativas de aproximação entre os estudos medievais e os debates acadêmicos sobre raça soam como desvarios anacrônicos politicamente motivados. Levanto desde já uma incômoda questão: será que os cristãos medievais desconheciam a negritude ou nós que naturalizamos uma noção branqueada e desracializada da Idade Média?

Desde o início da minha trajetória acadêmica, dediquei meus esforços investigativos ao fenômeno dos movimentos monacais. Inquietações intelectuais e políticas me instigaram a buscar referências à negritude na documentação que

pensava conhecer muito bem. Para minha surpresa, encontrei várias menções a negros, quase todas negativas, que até então passavam despercebidas por mim. Esses dados me estimularam à observação de outros textos. Encontrei referências pejorativas aos negros em muitos dos que consultei. Alguns desses são bastante conhecidos inclusive no Brasil, como a *Legenda Áurea* ou as cartas de Abelardo e Heloísa.

Atualmente, realizo pesquisas sobre referências a negros na documentação cristã medieval. Nos trabalhos que estou desenvolvendo, tenho me alinhado às perspectivas teóricas e historiográficas que postulam a existência de discursos raciais antes da modernidade, ainda que com diferenças em seus modos de operação e consequências materiais. O objetivo deste artigo é apresentar os referenciais conceituais e os procedimentos metodológicos os quais venho empregando para a análise de personagens negros em documentos cristãos, privilegiando, aqui, a literatura tardo-medieval. Para ilustrar a aplicabilidade das reflexões expostas, apresento breves considerações sobre um poema inglês anônimo do século XIV intitulado *O Rei de Tars* (*The King of Tars*).¹ A escolha desse texto decorre do notável uso de categorias raciais no decorrer da trama.

Idade Média branca? Indiferença medieval pela cor?

Começo esse texto a partir de duas ideias muito recorrentes: a de que a Idade Média seria um período homogeneamente branco e a de que, antes da modernidade, os “ocidentais” seriam indiferentes à cor da pele. Defendo que ambas são infundadas e que não resistem à análise minuciosa. A crítica às duas noções é basilar neste trabalho, uma vez que é desse rechaço que fundamento minha proposta investigativa. Concentro-me, inicialmente, a rebater a primeira premissa.

O continente europeu não estava isolado do restante do mundo ao longo da Idade Média. Naquela época, havia várias rotas que atravessavam toda a Afroeurásia e pelas quais circulavam pessoas, bens e saberes. A mais famosa delas era a Rota da

¹ Para este trabalho, foi utilizada a recente edição em inglês médio do documento realizada por John H. Chandler: *The King of Tars: a new edition* by John H. Chandler. Rochester: University of Rochester, 2011.

Seda, embora houvesse outras, como as que atravessavam o Saara. Janet Abu-Lughod demonstrou que entre 1250 e 1350 existiu uma teia de trocas de manufaturados a curta distância, que eram suficientes para atender necessidades locais e ainda exportar. Essas transações eram realizadas por uma ampla variedade de comunidades mercantis dispersas em vários pontos do mundo. O sistema era então composto de uma grande rede de arquipélagos de centros que se sobressaíam localmente num mar de áreas rurais isoladas e caminhos abertos. Os comerciantes europeus se conectaram às trocas de longa distância na condição de participantes periféricos numa operação pré-existente.²

Além disso, desde meados do ano mil, ocorreram processos de conquista e colonização, tanto interna quanto externamente à Europa, provocando a disseminação dos bispados latinos, a diáspora aristocrática, as migrações campestres e a ampliação comercial. Nesse contexto, ocorreu aquilo que Robert Bartlett denominou como “europeização da Europa”: o que se entende hoje como “Ocidente” foi produto de empreendimentos expansionistas que suplantaram a diversidade precedente, propiciando a homogeneização sociocultural a partir de um núcleo central numa zona do continente. Entre os séculos XI e XIII, portanto, iniciativas que partiram do universo latino resultaram em encontros com paragens distantes que, inclusive, foram determinantes na própria constituição da identidade ocidental. Bartlett demonstrou como as novas fronteiras estabelecidas pela Cristandade levaram ao convívio entre grupos distintos, tornando as relações étnicas e raciais um problema central.³

Tendo em vista todos esses processos, seria plausível considerar que os cristãos “ocidentais” desconheciam a existência de pessoas negras? Soa-me improvável que, ao se deslocarem e ingressarem nas redes de trocas, os latinos não tenham, no mínimo, recebido notícias sobre indivíduos negros. Suponhamos, mesmo assim, que as informações a esse respeito não tenham alcançado os cristãos em suas interações com outras sociedades. Ao não receberem esses dados a partir

² ABU-LUGHOD, Janet L. *Before European hegemony. The World System A. D. 1250-1350*. New York, Oxford: Oxford University, 1989. p. 1-39.

³ BARTLETT, Robert. *La formación de Europa. Conquista, colonización y cambio cultural, 950-1350*. Granada, València: Universitat de València, Universidad de Granada, 2003.

de seus contemporâneos, os textos anteriores e acessíveis poderiam prover esses conhecimentos?

Levantamentos realizados por autores como Beardsley,⁴ Frank Snowden Jr.⁵ e Lloyd A. Thompson⁶ corroboram que gregos e romanos não apenas se depararam com mulheres e homens negros, como também registraram suas impressões. As diferenças fisionômicas observadas foram transpostas para a cultura material e para a produção científica e literária. Nos textos greco-romanos, a pele extremamente negra era atrelada genericamente aos etíopes, o mais remoto dos homens, independentemente da procedência geográfica real do sujeito – a tal ponto que os termos “negro” e “etíope” se tornaram intercambiáveis. No que concerne às Escrituras, Ramey observou que havia poucas menções à cor da pele, mas que três personagens tradicionalmente considerados como negros desempenharam papel central no imaginário medieval sobre a negritude: Cam, a Rainha de Sabá e a esposa etíope de Abraão.⁷ Por fim, a tradição patrística mencionava negros, geralmente com propósitos retóricos.⁸

Cabe concluir que, caso não estivessem cientes de que havia homens e mulheres de pele negra através dos contatos culturais de sua própria época, os cristãos tardo-medievais o saberiam pelas leituras que realizavam. Conforme afirmei anteriormente, dispomos hoje de muitos documentos oriundos do “Ocidente” medieval que fazem alusão a negros. Ao estarem informados de pessoas que identificavam como fisionomicamente distintas de si, os cristãos transpuseram suas percepções da diferença no que produziam. Das representações imagéticas do rei mago Bartolomeu ao culto a São Maurício, dos debates médicos e enciclopédicos sobre a negritude aos etíopes presentes em relatos de viagens e hagiografias, são

⁴ BEARDSLEY, Grace H. *The ethiopian in greek and roman civilization*. Baltimore: John Hopkins University, 1922.

⁵ SNOWDEN, Frank M. *Blacks in Antiquity*. Ethiopians in the Greco-Roman Experience. Cambridge: Harvard University, 1970

⁶ THOMPSON, Lloyd A. *Romans and blacks*. London, Norman: University of Oklahoma, 1989.

⁷ RAMEY, Lynn T. *Black legacies*. Race and the European Middle Ages. Gainesville: University Press of Florida, 2014. p. 39-63.

⁸ BYRON, GAY L. *Symbolic blackness and ethnic difference in early christian literature*. London, New York: Routledge, 2002; FROST, Peter. Attitudes towards blacks in the Early Christian Era. *The Second Century: a Journal of Early Christian Studies*, v. 8, n. 1, p. 1-11, 1991.

muitas as alusões medievais a negros.

A partir dessas inferências, não há como respaldar a noção de Idade Média branca. Todavia, essa ideia se encontra fortemente arraigada.⁹ Por quê? Em que contexto foi construída? E que condições propiciaram sua perpetuação? Essas perguntas demandariam esforços investigativos específicos para serem respondidas. Esboço aqui uma explicação sucinta, que enfatiza dois fatores: a institucionalização universitária dos estudos medievais e o medievalismo literário e fílmico. Embora constituam fenômenos distintos, ambos remontam a contexto comum de emergência e tenderam a se condicionarem mutuamente ao longo do tempo, mesmo preservando cada um suas particularidades.

Consideremos primeiramente a conjuntura de institucionalização da medievística nos círculos acadêmicos europeus e norte-americanos no século XIX. Sublinho a concomitância do referido processo com a consolidação da branquitude, ou seja, da associação entre poder e identidade branca amparada na classificação e subordinação dos não-brancos. A branquitude deriva de uma distribuição desigual de poder e de bens materiais e simbólicos, que favorece os brancos em detrimento dos não-brancos.¹⁰ Apoiando-se no prestígio crescente dos sistemas científicos de classificação racial,¹¹ a branquitude oitocentista derivou dos nacionalismos emergentes e dos colonialismos europeus.

Num artigo conjunto, John Ragenais e Margaret Rich Greer argumentaram que a colonização do passado é indispensável acompanhante do projeto colonial. Do mesmo jeito que os impérios europeus se constituíram estabelecendo espaços e povos como outridades, inventaram também um passado que também fosse uma

⁹ Whitaker narrou um caso pessoal demonstrativa da profunda associação entre medievo e branquitude. Quando graduando, foi interpelado por um visitante da universidade em que estudava e questionado sobre ser um medievalista. A insinuação implícita do interlocutor foi compreendida por Whitaker: sendo um homem negro, o estudo da Idade Média consistiria no abandono da sua cultura afro-americana para se dedicar exclusivamente ao estudo de homens brancos. Cf.: WHITAKER, Cord J. "Race-ing the dragon: the Middle Ages, race and trippin' into the future". *Postmedieval: a Journal of Medieval Cultural Studies*, v. 6, n. 1, p. 2-11, 2015.

¹⁰ SILVA, Priscila Elisabete da. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. In: CARDOSO, Lourenço; MÜLLER, Tânia Mara Pedroso (orgs.). *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017

¹¹ PAINTER, Nell Irvin. *The history of white people*. New York, London: W. W. Norton & Company, 2010.

outridade. A noção Idade Média, ao surgir no momento da expansão europeia, funcionava como um tempo aberto à exploração pelos interesses coloniais.¹² Estudiosos do medievo contribuíram à construção de uma pré-modernidade europeia monoliticamente branca e na qual os africanos não têm qualquer participação histórica¹³ – premissa crucial para a proposição da branquitude como uma herança que distingue racialmente os europeus das demais raças.¹⁴

O medievalismo literário e fílmico contribuiu à consolidação dessas perspectivas e à sua disseminação para além dos círculos acadêmicos. Os estudos de Helen Young têm demonstrado como perspectivas raciais se manifestam nesses discursos, tanto naqueles que se reivindicam “historicamente acurados” quanto nos fantásticos. Conforme disserta, a expectativa contemporânea de que os personagens sejam todos brancos em narrativas ambientadas na Idade Média resulta em controvérsias quando se inclui diversidade étnico-racial. A autora destacou a popularização da ficção medieval, como as novelas de Horace Walpole e Walter Scott, em que, pretendendo-se “precisas imitações” do passado, vinculavam a Europa como um espaço apenas de branco. Nas produções fílmicas contemporâneas sobre o período, o elenco é predominantemente branco; quando há representantes de outros grupos, esses figuram apenas como personagens isolados, viajantes ou inimigos invasores com justificativas narrativas para estarem ali.

Portanto, a noção de um “Ocidente medieval” branco persiste a despeito de sua inconsistência ante os dados que atualmente dispomos, uma vez estar respaldada por tradições acadêmicas e convenções culturais de longa data. Destaco que a revisão dessa concepção arraigada não consiste numa empreitada historiográfica somente, mas também política. A preocupante ascensão dos grupos supremacistas e de projetos ideológicos excludentes ao redor do mundo, inclusive

¹² DAGENAIS, John; GREER, Margaret Rich. Decolonizing the Middle Ages: introduction. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, v. 30, n. 3, p. 431-448, 2000.

¹³ KEITA, Maghan. Race: what the bookstore hid. In: CHAZELLE, Celia; DOUBLEDAY, Simon; LIFSHITZ, Felice; REMENSNYDER, Amy G. (eds.). *Why the Middle Ages matter*. London, New York: Routledge, 2012. p. 130-140.

¹⁴ YOUNG, Helen. Whitewashing the « real » Middle Ages in popular media. In: ALBIN, Andrew et al (eds.). *Whose Middle Ages? Teachable moments for an ill-used past*. New York: Fordham University, 2019. p. 233-242.

no Brasil, não raramente se amparam numa narrativa sobre uma Idade Média branca, viril e cristã.¹⁵

No decorrer desse tópico, rebati a concepção disseminada de que a Idade Média era homogeneamente branca. Restou ainda outra noção a ser rebatida: a de que os medievais eram indiferentes à cor da pele. Para que o manejo do conceito de raça na análise documentos literários do período seja viável, é necessário estabelecer essa outra premissa como improcedente. Detenho-me na questão a seguir.

Raça antes da modernidade?

Dado o contexto colonial em que emerge, o conceito de Idade Média coaduna com a branquitude e, por isso, o passado europeu medieval foi embranquecido. Para refletir acerca da impropriedade das proposições que estabelecem o discurso racial como fenômeno estritamente moderno, pretendo levantar três pontos: o viés eurocêntrico dessa noção, os argumentos intelectuais que dão suporte à assertiva e o aporte teórico-metodológico que propiciaria uma alternativa a este consenso.

Para abordar o primeiro tópico, elenco aspectos que considero pertinentes sobre o *eurocentrismo* para o desenvolvimento dos meus argumentos. Ella Shohat e Robert Stam demonstraram que o fenômeno em questão consiste num modo de pensar deriva de várias tendências ou operações intelectuais, dentre elas a caracterização das práticas opressivas do Ocidente como contingentes, acidentais e excepcionais. O Ocidente, por via do eurocentrismo, purifica a sua própria história.¹⁶ O argumento de que o Ocidente pré-moderno percebia e apresentava a diversidade

¹⁵ Kaufman e Sturtevant analisaram como o medievalismo perpassou a trajetória de grupos supremacistas norte-americanos, enfocando o caso da Ku Klux Klan. Cf.: KAUFMAN, Amy S.; SURTEVANT, Paul B. *The devil's historians: how modern extremists abuse the medieval*. Toronto: University of Toronto, 2020.

Alertas sobre o recurso ao passado medieval pela extrema-direita nos últimos foram realizados por Sierra Lomuto e, para o caso brasileiro, por Paulo Pachá. Cf.: LOMUTO, Sierra. "White nationalism and the ethics of Medieval Studies" in: *In the Middle*, 2016. Disponível em: <https://www.inthemedievalmiddle.com/2016/12/white-nationalism-and-ethics-of.html> Acessado em 29 de agosto de 2020; PACHÁ, Paulo. Why the Brazilian far right loves the European middle ages. *Pacific Standard*, 2019. Disponível em: <https://psmag.com/ideas/why-the-brazilian-far-right-is-obsessed-with-the-crusades> Acessado em 10 de setembro de 2020.

¹⁶ SHOCHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 22.

humana sem discriminar pela cor torna o racismo como um desvio do suposto devir histórico ocidental, ao invés de fundamento da própria ocidentalidade.

A obra acadêmica de Frank Snowden Jr. é ilustrativa dessa operação de isenção eurocêntrica no que concerne às questões raciais antes da modernidade. Historiador negro norte-americano, realizou um esforço pioneiro de levantamento sistemático de dados na documentação greco-romana sobre negros na Antiguidade. Da sua produção, destacam-se os livros *Blacks in Antiquity* (1970) e *Before color prejudice* (1983), nos quais defendeu sua tese de que não havia discriminação por cor, sendo este um fenômeno moderno. Partindo do reconhecimento do racismo como algo ruim, Snowden afirmava que: “os antigos não caíram no erro do racismo biológico; a pele de cor preta não era um signo de inferioridade; gregos e romanos não estabeleceram a cor como um obstáculo à integração na sociedade”.¹⁷ Na última página de *Before color prejudice*, posicionava-se incisivamente a esse respeito:

Acadêmicos discordam do preciso momento na história das relações raciais em que a cor adquiriu a importância que assumiu no mundo moderno. Um ponto, entretanto, é certo: o ônus do intenso preconceito de cor não poder ser posto sobre os ombros dos antigos.¹⁸

No decurso de sua trajetória, Snowden selecionou dados ou os expôs de maneira direcionada a sustentar sua avaliação otimista da tópica racial na Antiguidade, valendo-lhe críticas de seus pares. O que devo salientar, todavia, é que sua condenação à discriminação racial moderna recaiu na redenção dos antigos, estabelecendo, para tanto, um passado idílico onde a diferença, embora percebida, não transcorreria na inferiorização do outro. Se, por um lado, Snowden reconhecia a presença e a agência de negros vindos do continente africano no mundo clássico,¹⁹ por outro, idealizava uma Europa originária onde não se desprezava a negritude.

¹⁷ SNOWDEN, Frank M. *Before color prejudice. The ancient view of blacks*. Cambridge, London: Harvard University, 1983. p. 63. Tradução minha.

¹⁸ *Ibidem*. p. 10. Tradução minha.

¹⁹ Maghan Keita empreendeu uma leitura de Snowden em que salientava seus méritos teóricos frente aos círculos intelectuais de seu tempo, particularmente no que concerne à historiografia afrocêntrica. Cf: KEITA, Maghan. *Race and the writing of History. Riddling the sphinx*. Oxford: Oxford University, 2000, p. 123-151.

A perspectiva de Snowden coadunava com outras então em voga de situar a emergência das perspectivas raciais entre os séculos XVI e XIX. Intelectuais renomados propuseram modelos interpretativos que relacionavam o surgimento do discurso racial moderno a fenômenos diversos: a escravização massiva de africanos, o colonialismo das potências europeias, o advento do capitalismo e do Estado moderno ou os debates intelectuais e científicos recentes. Em todo caso, eram esquemas explicativos que consideravam apenas as transformações constitutivas da modernidade como fatores causais.²⁰

Na área dos estudos medievais, o debate sobre raça acirrou-se com a publicação do número especial da *Journal of Medieval and Early Modern Studies* em 2001, intitulado *Race and ethnicity in the Middle Ages*. Dessa edição do periódico, as contribuições de Thomas Hahn e Robert Bartlett foram particularmente importantes, pois proporcionaram reflexões teóricas que justificavam o recurso ao conceito de raça pelos medievistas. Posteriormente, os estudos de Geraldine Heng, particularmente seu livro *The invention of race*, proporcionaram bases sólidas para a abordagem do tema.²¹ Logo, a medievística atual dispõe atualmente de subsídios teóricos para pesquisas sobre raça, mesmo sendo um objeto recente para a área.

Mas, afinal, o que é raça? Evidentemente, repudio qualquer delimitação do

²⁰ Na avaliação de Thomas Hahn, o paradigma era tão arraigado que levou ao desinteresse de medievistas pelo estudo de questões de raça. Cf.: HAHN, Thomas. *The difference the Middle Ages makes: color and race before the modern world*. +, v. 31, n. 1, p. 1-37, 2001.

²¹ HENG, Geraldine. *The invention of race in the european Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University, 2018.

Devo reconhecer, ainda, que fatores externos ao ambiente acadêmico foram determinantes para que os estudos raciais se disseminassem na medievística. Em 2017, ocorreu a manifestação *Unite the right* na cidade norte-americana de Charlottesville, em que participaram grupos de extrema-direita e culminou em violentos confrontos com antifascistas. Na ocasião, muitos adeptos de doutrinas de segregação e de supremacia raciais portavam adereços que aludiam à Idade Média, principalmente vestes templárias e runas anglo-saxônicas. O fato foi prontamente percebido pelos medievistas universitários, que já observavam alarmados desde antes a crescente instrumentalização do passado medieval por esses setores políticos. Cito os seguintes textos para exemplificar essa consternação medievística: BLAKE, Thomas. *Getting medieval post-Charlottesville: medievalism and the alt-right*. In: VALENCIA-GARCÍA, Louie Dean. *Far-right revisionism and the end of history*. Alt/histories. London, New York: Routledge, 2020. p. 179-198.; ELLIOT, Andrew B. R. *A vile love affair: right wing nationalism and the Middle Ages*. *The public medievalist*, disponível em: <https://www.publicmedievalist.com/vile-love-affair/>. Acessado em 09 de novembro de 2020; YOUNG, Helen. *White Supremacists love the Middle Ages*. *In the medieval middle*. Disponível em: <https://www.inthemedievalmiddle.com/2017/08/white-supremacists-love-middle-ages.html>. Acessado em 09 de novembro de 2020. O crescente engajamento em debates sobre raça na área de estudos medievais consiste, muitas vezes, numa reação política dos especialistas a este cenário.

conceito que recorra ao saber biológico como parâmetro. Ao invés disso, busco uma definição que dialogue com a Filosofia e as Ciências Sociais, salientando-a enquanto resultado de processos históricos complexos. De acordo com Guimarães, as “raças” são efeitos de discursos sobre grupos humanos que estabelecem suas origens e as essências fisionômicas, intelectuais e morais que transmitem entre gerações.²² Achille Mbembe destacou que a raça é resultado de um processo de fabulação útil que constitui o outro não como semelhante a si, mas como alguém ameaçador do qual é preciso se proteger, desfazer ou destruir. Autônoma do real em muitos casos, a raça deve sua força e densidade à sua mobilidade e inconstância, além de apresentar fatos inventados como verdadeiros, certos e exatos.²³

Nos textos cristãos redigidos ao longo da Idade Média, grupos humanos eram categorizados e hierarquizados a partir de supostas características físicas e morais partilhadas pelos seus membros, estabelecendo outridades perniciosas. Por esse viés, o conceito de raça é proveitoso para os estudos medievais, conquanto resguardadas algumas precauções. Primeiramente, a de não esperar encontrar na documentação expressões equivalentes, afinal, *raça* é uma palavra moderna. Também cabe considerar que os cristãos medievais demarcavam diferenças de outras maneiras e com outros propósitos, logo, a raça não operava do mesmo modo e nem detinha a mesma importância que no mundo moderno.²⁴ A observação de tais ressalvas são cruciais para evitar os anacronismos.

É com base nesses pressupostos que estabeleço os parâmetros que considero fundamentais para que raça seja uma categoria analítica útil aos estudos medievais. Embora antes da modernidade o discurso racial não dispusesse da mesma legitimidade científica que a biologia iria lhe conferir, ainda assim se respaldava em paradigmas médicos, fisiognômicos e geográficos. Em textos da Antiguidade, atributos físicos e comportamentais atribuídos às populações eram explicados pela

²² GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. *Educação e pesquisa*, v. 29, n. 1, p. 93-107, 2003.

²³ MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1, 2019. P. 27-46.

²⁴ HAHN, Thomas. The difference the Middle Ages makes: color and race before the modern world. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, v. 31, n. 1, p. 1-37, 2001.

interferência do meio em que viviam.²⁵ O cristianismo somou às explicações anteriores sobre a diferença uma narrativa amparada nas Escrituras: todos os grupos humanos teriam ascendência em Cam, Seth ou Jafé, os filhos de Noé. Como demonstrou Robert Bartlett, explicava-se as diferenças a partir da matriz genealógica que perpassava o pensamento medieval no geral.²⁶

Se, por um lado, os esquemas raciais se pautavam em saberes sobre as relações entre o corpo e a natureza e a ascendência bíblica comum, por outro, entrelaçavam-se com outros crivos de demarcação de diferenças. Diferenças de gênero, sexualidade e religião poderiam ser evocadas para o reforço da demarcação racial. Em todo caso, não eram distinções supostas como fixas e imóveis, tal como estabeleceram os saberes científicos do oitocentos dos quais ainda somos herdeiros. Antes do século XVI, os contornos raciais eram traçados em função de outros sistemas classificatórios das diferenças, que eram por vez muito fluidas. Dessa maneira, transformações, mesmo que individuais, poderiam resultar no remanejo da identificação racial.

Metodologicamente, proponho que os elementos raciais presentes na literatura medieval sejam analisados como *tropos*, ou seja, como uma transferência de sentido em que a significação da palavra não é propriamente a sua, mas outra.²⁷ Nessa abordagem, aspectos raciais são interpretados como figuras de linguagem empregadas por quem escreveu com finalidades que não se encerravam na questão racial em si mesma. Quando caracterizavam um personagem como negro, os literatos medievais recorriam aos valores simbólicos de construções raciais comuns ao período para reforçarem determinados sentidos e propósitos em suas mensagens. A preocupação nas menções aos negros não era tanto com pessoas negras concretas, mas com o significado atribuído à negritude.

A partir da apreciação crítica de duas pré-concepções a respeito da Idade

²⁵ ISAAC, Benjamin. *The invention of racism in classical Antiquity*. Princeton: Princeton University, 2004.

²⁶ BARTLETT, Robert. Medieval and modern concepts of race and ethnicity. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, v. 31, n. 1, p. 39-56, 2001. p. 44-45.

²⁷ KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Tropo. In: CHARAUDEAU, Patrick (org.). *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 487-488.

Média, as de que era branca e indiferente à diferença humana, sugeri diretrizes teóricas e metodológicas para estudos sobre raça nesse período. Para ilustrá-las, empreendo, a seguir, a análise de um poema inglês do século XIV: o *Rei de Tars*. A escolha desse texto se deve ao seu enredo: uma princesa branca e cristã se casa com um sultão sarraceno e negro, sendo o fruto dessa união um menino disforme; ao testemunhar seu filho se tornando normal após ser batizado, o soberano aceita o cristianismo e se transforma fisicamente, mudando de cor.²⁸

Estrutura e enredo do *Rei de Tars*

O *Rei de Tars*, poema inglês anônimo de fins da Idade Média, foi o documento escolhido para ilustrar a operacionalidade dos referenciais teóricos e metodológicos propostos neste artigo. Antes de empreender a análise propriamente dita, esclareço as principais características do texto e apresento uma síntese desta narrativa.

Para o presente trabalho, utilizo a edição do poema realizada por John H. Chandler a partir do manuscrito mais antigo disponível, o de Auchinleck, que foi compilado por volta da década de 1330.²⁹ Cabe salientar que há outras duas versões do mesmo poema, vinculadas nos manuscritos de Vernon e Simeon, produzidas ao final do século XIV. As histórias são as mesmas, com os mesmos episódios e a mesma estrutura, porém com mudanças em algumas linhas, que condiziam com os interesses dos patronos dos copistas e às transformações das práticas escriturais.

O *Rei de Tars* dispõe de 1241 versos em *tail-rhyme*, ou seja, numa forma em que duplas ou trios de linhas rimadas são seguidas por uma linha de tamanho diferente, geralmente menor e que não rima com as imediatamente anteriores. O poema foi escrito em inglês vernacular, não sendo conhecidas versões em latim. Sua estrutura e alusões frequentes à vocalização sugere que sua redação visasse a

²⁸ Até recentemente, o texto era razoavelmente desconhecido entre os especialistas. A preocupação historiográfica recente com a categoria raça na Idade Média fez com que o *Rei de Tars* ganhasse maior atenção, dada suas características. Segundo Friedman, o sistema binário de cor (negro/branco) presente na narrativa atesta a possibilidade de se identificar perspectivas raciais modernas no medieval – que seriam sua corporeidade, maleabilidade e relações com hierarquias sociais concretas. Cf.: FRIEDMAN, Jamie. Making whiteness matter: *The King of Tars. Postmedieval: a journal of medieval cultural studies*, n. 6, p. 52-63, 2015. p. 52-53.

²⁹ Visando a melhor compreensão das citações diretas ao poema, optei por traduzir as passagens, expondo o original em nota de rodapé. As referências em parênteses correspondem à numeração dos versos que consta na referida edição de John H. Chandler.

recitação oral, dispondo inclusive de fórmulas mnemônicas para esse propósito. A abertura do texto fazia referência à expectativa do narrador de que fosse escutado por uma audiência:

Ouçam-me jovens e idosos
Pelo amor de Maria, essa doce pessoa,
Sobre como uma guerra começou
Entre um verdadeiro rei cristão
E um alto senhor pagão
De Damasco, o sultão.³⁰

Tokuji Shimogasa argumentou que esse tipo de trabalho poético não era direcionado aos círculos aristocráticos, mas a públicos variados para os quais menestréis viajantes poderiam vir a se apresentarem. A recorrente interpelação aos ouvintes visava chamar a atenção para o progresso da narrativa, enquanto a adoção de fórmulas de *tails-rhymes* facilitava a composição e a recitação.³¹

Sobre os personagens, sublinho que, ao contrário do que sugere o título atribuído pelo manuscrito de Auchinleck, o poema não é protagonizado pelo Rei de Tars, mas pela sua filha. O conflito do enredo deriva da oposição religiosa entre a princesa, adepta do cristianismo, e o sultão de Damasco, sarraceno com quem a jovem se casa a contragosto pelas circunstâncias. Em algumas passagens, o soberano damasceno se dirige a “São Maomé” (*Seyn Mahoun*) e a deuses como Júpiter e Plutão (*Jovin and Plotoun*), fluindo, portanto, entre o islamismo e o paganismo. A profissão religiosa imprecisa do sultão, que transitava entre crenças díspares, agregava indistintamente elementos atribuídos ao outro não-cristão. O papel que o antagonista representava na trama não era necessariamente o do muçulmano realmente existente, mas o da contraposição confessional ao cristianismo da donzela.³²

³⁰ “Herkneth to me bothe elde and ying,/ For marie’s love, that swete thing,/ Al hou a wer bigan / Bituene a trewe Cristen King/ and hethen heye lording,/ of Dames the soudan”. Cf.: *The King of Tars*, 1-6.

³¹ SHIMOGASA, Yokuji. Formulaic expressions in *The King of Tars*. *Yamaguchi Prefectural University*, n. 4, p. 1-10, 2003.

³² O artifício literário de abordar o muçulmano como idólatra, equiparando-o ao pagão, era empregado em textos latinos desde pelo menos o século XI. Sobre essa questão, cf.: TOLAN, John V. *Saracens*. Islam in the medieval european imagination. New York : Columbia University, 2002. p. 105-134.

Conforme a narrativa, a boa fama da moça se difundiu até alcançar o soberano damasceno, que logo se interessou em desposá-la: “a fama dela começou a se espalhar/ em outras terras, por todo o lado,/ então o sultão ouviu falar./Ele pensou que seu coração se quebraria em cinco pedaços/ a menos que a tivesse como esposa”.³³ O sultão enviou seus mensageiros ao rei de Tars, ameaçando iniciar uma guerra caso seu pedido de casamento fosse recusado. Tomado por ira, o cristão decidiu consultar sua filha antes de qualquer decisão:

Sua filha imediatamente foi trazida ao lugar
E ele perguntou a sua posição.
“Filha, o sultão de Damasco
Anseia por ver a sua face
E gostaria de tê-la como esposa.
Gostaria, filha, por tesouro
Renunciar a Jesus nosso Salvador
Que sofreu diversas injúrias?”
A donzela respondeu com temperamento suave
Ante seu pai, ela permaneceu:
“Não, senhor, nem que eu muito prospere!”

Jesus, meu senhor na Trindade
Deixe-me nunca esse dia ver
Um tirano a tome.
Ó, Deus e as Três Pessoas
Pelo amor de Maria, sua nobre mãe
Dê a ele antes sofrimento e injúria.³⁴

Nos versos referentes à reação da família real de Tars ao pedido de casamento feito pelo sultão, o antagonismo religioso é o que desencadeia a relutância: a recusa provinha do fato de que a princesa precisaria se converter ao Islã.

Quando os mensageiros retornaram com a resposta, o sultão, tomado pela ira, convocou seus barões para deliberar. O conselho optou por responder

³³ “The los of her gan spring wide/ in other londes bi ich a side,/ So the souden it say./ Him thought his hert it brast ofive/ bot yif he might have hir to wive/ that was so feir a may.” Cf.: *The King of Tars*, 19-24.

³⁴ His doujter anon was brought in plas/ and he axed hir bilive./ ‘Douhther, the soudan of Damas/ yernes for to se thi fas/ and wald thee have to wive./ Waldestow, douhter, for tresour/ forsake Jesus our Saveour/ that suffred woundes five?’/ The maiden answerd with mild mod/ biforn hir fader ther sche stode/ ‘Nay, lord, so mot Y thrive!/ Jhesu mi Lord in Trinité/ Lat me never that day yse/ a tirant for to take./ O God and persones thre/ for Marie love, Thi Moder fre,/ Gif him arst tene and wrake’”. Cf.: *The King of Tars*, 50-66.

militarmente à negativa. As forças sarracenas, então, organizaram-se e se dirigiram ao reino de Tars:

O sultão reuniu uma monstruosa companhia
De sarracenos de grande orgulho
Para se opor ao rei.
O rei de Tars ouviu aquela notícia;
Posicionou seu exército por todos os lados,
Tudo o que ele pode convocar.
Daí toda ira começou a despertar
Para aquele casamento não pudesse tirar
Aquele gentil donzela. (v. 145-153)

Os violentos embates resultaram em muitas baixas para o lado cristão. Percebendo a iminência da derrota para o poderio muçulmano, a princesa declarou ao seu pai que se casaria com o sultão:

“Senhor, deixe-me ser a esposa do sultão
E não aumentar mais a violência e nem contenda
Tal como teve antes
Por mim muitos homens foram mortos,
Vilas tomadas e cidades queimadas
Desde que eu nasci!”

“Pai, eu quero servir de boa vontade
Ao sultão, em todas as circunstâncias
E acreditar em Deus todo-poderoso
Se não for isso, ele irá matá-los,
E todas suas terras ele tomará para si
Com batalha e com luta;
Certamente eu não vou suportar
Que o povo cristão morra por mim -
Isso seria uma visão triste!”³⁵

O rei e a rainha de Tars acataram a decisão da filha e informaram ao sultão que, alegre, encerrou a guerra e enviou presentes valiosos à família real. Nesse momento da narrativa, contrapõe-se a felicidade do soberano damasceno por ter conseguido o matrimônio que desejava e a tristeza da realeza cristã pela cessão da

³⁵ “Sir, lete me be the soudan’s wiif/ And rere na more cunttek no striif/ As hath ben here bifore./ For me hath mani man ben schent,/ For me hath mani man ben schent,/ Allas that ich was bore!/ Fader, Y wil serve at wille/ The soudan, bothe loude and stille,/ And leve on God almight. And alle thi lond take him tille/ With bateyle and with fight;/ Certes Y nil no lenger dreye/ That Cristen folk for me dye -/ It were a diolful sight!”. Cf.: *The King of Tars*, 223-237.

princesa. A perspectiva de casamento em si é criticada pelo próprio poeta: “tão repugnante era aquele sultão/ se casar com uma mulher batizada/ como eu considero nessa história”.³⁶

Mesmo com a chegada da princesa em Damasco, o sultão optou por celebrar o matrimônio apenas quando a noiva se convertesse. Naquela noite, então, a cristã dormiu e teve sonhos com revelações, recebendo a mensagem, vinda de Jesus Cristo, de que receberia ajuda em tudo o que precisasse. Ao acordar e após suas preces, num diálogo com o sultão, a moça solicitou que lhe fosse ensinada as preces, demonstrando sua intenção de conversão.

O nascimento do filho dessa união aprofunda a tensão entre o casal. O aspecto monstruoso da criança foi interpretado, pelo sultão, como um sinal de que sua esposa não havia renunciado à fé cristã. Ao ser confrontada pelo marido, a donzela sugeriu que realizasse preces aos seus deuses para que dessem forma ao seu herdeiro. Contudo: “E quando [o sultão] fez toda a prece / E disse tudo o que poderia, / A carne permaneceu como era”.³⁷ Não ocorrendo a intervenção das divindades em favor do filho, o sarraceno permitiu com que sua esposa apelasse a Jesus Cristo e jurou que se converteria caso fosse bem-sucedida.

Depois a esposa do sultão falou,
“Você deve fazer silenciosamente
E de forma muito reservada.
Água santa deve preparar,
E essa carne disforme deve tomá-la,
Tudo por amor a mim
E batizá-lo sem censura
Em honra do nome do Pai
Que se encontra na Trindade”³⁸

Um padre foi então libertado para batizar o filho do casal. Com a realização do ritual, a criança ganhou forma e uma aparência saudáveis. Diante do

³⁶ “Als loth was that Soudan/ to wed a Cristen woman,/ as Y finde in mi sawe”. Cf.: *The King of Tars*, 409-411.

³⁷ “And when he hadde al ypreyd,/ and alle that ever he couthe he seyde,/ the flesche lay stille as ston”. Cf.: *The King of Tars*, 634-637.

³⁸ “Than seyde the soudan’s wiif,/ “Thou most do stille withouten striif/ a wel gret priveté./ Hali water thou most make,/and this ich flesche thou take,/ al for the love of me,/ and cristen it withouten blame/ in the worthschipe of the Fader’s name/That sitt in Trinité”. Cf.: *The King of Tars*, 742-750.

acontecimento, o sultão reconhece, então, a superioridade do poder do Deus cristão e aceitou se converter. O poema é encerrado com o Sultão de Damasco e o Rei de Tars lutando lado a lado contra cinco reis pagãos rebelados que não aderiram ao cristianismo, contrariando o pedido do soberano sarraceno.

Tendo em vista o propósito deste capítulo, dois aspectos desta trama devem ser sublinhados. Primeiramente, que a ausência de forma da criança é consequência da união conjugal entre uma cristã branca e um muçulmano negro. Segundo, que a adesão ao cristianismo opera transformações fisicamente bem marcadas: o filho ganha um corpo e o sultão se torna branco. Nas duas situações, o poeta recorreu a concepções raciais em voga naquele período, manejando-as como tropos que reforçavam elementos discursivos.

A princesa branca, o sultão negro e o filho sem forma

Ao longo do período medieval, as concepções a respeito da pessoa humana eram complexas e cambiantes. Jérôme Baschet indicou a dualidade alma/corpo como sua estrutura fundamental. Essas duas instâncias, a material e a espiritual, eram caracterizadas pelos cristãos medievais como entrelaçadas e interdependentes.³⁹ Dessa relação de complementaridade, o corpo expressaria exteriormente aspectos internos à alma.⁴⁰ A pele negra, nesse sentido, atestaria uma essência maligna, dado que se atribuíam valores negativos às cores escuras, principalmente a preta; a branca, em oposição, representaria a adequação moral.⁴¹

Os tratados médicos, enciclopédicos e fisiognômicos que circulavam contribuíam para explicar o vínculo presumido entre a negritude e a moralidade

³⁹ BASCHET, J. Alma y cuerpo en el occidente medieval: una dualidad dinámica, entre pluralidad y dualismo. In: BASCHET, J.; PITARCH, P.; RUZ, M. H. (eds.). *Encuentros de almas y cuerpos, entre Europa medieval y mundo mesoamericano*. Tuxtla Guitérrez: Universidad Autónoma de Chiapas, 1999. p. 41-83.

⁴⁰ SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e Alma. In: LE GOFF, Jacques; SCHMIT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2002, 2v. V. 1. p. 250-264.

⁴¹ Michel Pastoureau afirmou haver uma ambivalência quanto à cor preta nas culturas antigas: poderia deter tanto conotações positivas, relacionadas à fertilidade, quanto negativas, em alusão à morte, à destruição e à tortura. Desde o Império Romano, a tendência que prevalecia era da dimensão negativa. Pastoureau apontou que o período entre os séculos XI e XIII foi o de apogeu do “preto ruim”, em que a coloração aludia ao infernal. Cf.: PASTOUREAU, Michel. *Black. The history of a color*. Princeton: Princeton University, 2008.

reprovável.⁴² Nas imagens produzidas a partir da Idade Média Central, a cor escura por vezes indicava os personagens condenáveis ou mesmo demônios. Na exegese das Escrituras, frequentemente os etíopes e a Etiópia eram interpretados como associados ao paganismo, à heresia ou à imoralidade.⁴³ Os literatos medievais estavam em consonância com a perspectiva geral da época em que escreviam. Por isso, quando mencionavam a cor da pele de um personagem, indicavam o seu caráter e a sua inclusão – ou não – na legítima comunidade cristã. Como observou Cohen, o muçulmano, que já era considerado uma figura abjeta e intolerável, a pigmentação do seu corpo era frequentemente descrita como tão negra quanto a dos etíopes.⁴⁴

No que concerne ao *Rei de Tars*, cabe retomar a interface entre oralidade e escrita: o texto foi redigido para ser performado. A dicotomia entre negritude e branquitude detinham uma função mnemônica, em que a percepção visual contida nos tropos raciais aludiam às relações entre as realidades internas e externas.⁴⁵ Carruthers argumentou que a memória medieval era de natureza locacional, pois compreendida como um espaço onde os diversos assuntos, como “coisas” (*res*) poderiam ser armazenados. Consistia numa técnica recorrente o estabelecimento de imagens para as matérias a serem inventariadas para recordação.⁴⁶ A racialização da oposição entre a princesa e o sultão, que dava visibilidade à cisão religiosa e moral ao inscrevê-la no corpo de cada um, consistiria numa ferramenta mnemônica oportuna a um poema a ser recitado, tanto para o poeta quanto para seu público.

Nas primeiras linhas em que a princesa é apresentada, o narrador permeou

⁴² BILLER, Peter. Black women in medieval scientific thought. In: *Black skin in the Middle Ages. La peau noire au Moyen âge*. Sismel: Galluzzo, 2014; Idem. Proto-racial thought in the medieval science. In: ELIAV-FELDON, Miriam; ISAAC, Benjamin; ZIEGLER, Joseph. *The origins of racism in the West*. Cambridge: 2009, p. 157-180; LUGT, Maaïke van der. La peau noire dans la science médiévale. In: *Black skin in the Middle Ages. La peau noire au Moyen âge*. Sismel: Galluzzo, 2014. p. 97-134; ZIEGLER, Joseph. Physiognomy, science, and proto-racism 1200-1500. In: ELIAV-FELDON, Miriam; ISAAC, Benjamin; ZIEGLER, Joseph. *The origins of racism in the West*. Cambridge: 2009, p. 181-199.

⁴³ O estudo de Byron a esse respeito, embora não avance para além do século VII, apresenta um panorama sistemático desses usos Cf.: BYRON, op. cit.

⁴⁴ COHEN, Jeffrey Jerome. On Saracen enjoyment: some fantasies of race in Late Medieval Feance and Englad. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, v. 31, n. 1, p. 113-146, 2001.

⁴⁵ WHITAKER, Cord J. *Black metaphors*. How modern racism emerged form medieval race-thinking. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2019. p. 31-34.

⁴⁶ CARRUTHERS, Mary. *A técnica do pensamento*. Meditação, retórica e a construção de imagens (400-1200). Campinas: Unicamp, 2011. p. 31-65.

de observações sobre a personalidade e sobre sua aparência física:

[O rei de Tars tinha] uma filha que era como
Nenhuma mulher mais justa poderia ser
Tão branca quanto a pena de um cisne.

A mulher era casta e aparentemente alegre
Com a tez tão vermelha quanto uma flor com espinhos
E olhos brilhantes e cinzas.
Com amáveis ombros e pescoço branco
Via-se que era um grande tesouro
De princesa orgulhosa e brincalhona.⁴⁷

Destaco a alternância, entre os versos 11 e 14, da descrição das virtudes e da beleza, fazendo corresponder o interno e o externo da personagem. A visibilidade da cor da pele e da fisionomia transpareciam os valores positivos que cultivava – particularmente, a castidade.

Ao contrário da princesa, cuja pele foi apontada como branca logo nos versos iniciais, a negritude do sultão foi mencionada apenas na linha 793, ou seja, num momento mais avançado da narrativa: “então veio o sultão, que era negro”. Mais adiante, no verso 922, o poeta aludia à “sua pele, que era negra e repugnante”. Uma última referência à negritude sarracena, que constava no verso 1220, não estava relacionada ao sultão de Damasco, mas aos seus antigos subordinados que se recusaram a serem batizados: “(...) de sarracenos azuis e negros”.

A racialização do binarismo religioso entre cristianismo e islamismo no *Rei de Tars* abarcava inferências estéticas por parte do poeta: a princesa era apresentada como bela, que reluzia no salão da corte e que se vestia ricamente, enquanto o sultão era de pele repugnante. Nas teorias medievais formuladas a partir do neoplatonismo de Agostinho e Pseudo-Dionísio Areopagita, considerava-se que o bom e o belo eram idênticos na realidade, ainda que conceitualmente distintos. O “esplendor” e a “claridade”, que deleitariam a apreensão e direcionariam o sujeito à verdade, seriam atributos do belo que adicionariam ao que é bom um ordenamento

⁴⁷ “A douthter thai hadd hem bituen,/ non feirer woman might ben - / as white as fether of swan./ The meiden was schist and blithe of chere/ with rode red so blosme on brere/ and eyghen stepe and gray./ With lowe scholders and white swere/ her for to sen was gret preier/ of princes proud and pay”. Cf.: *The King of Tars*, 10-18.

cognitivo.⁴⁸ A feiura do negro contraposta à visão aprazível da donzela sugeriria ao leitor/ouvinte em que lado estaria a verdade e o bem.

Porém, como sublinhou Friedman, foi a associação entre o credo do sultão e a sua carnalidade excessiva, manifestas em sua bestialidade, temperamento violento e predisposição ao irracional.⁴⁹ Segundo Cohen, a figura tardo-medieval do sarraceno consistia numa alteridade imaginada que articulava a diferença racial com religião, cor da pele, anatomia, sexualidade. Além de racializada, era ainda gendrificada, ainda conforme Cohen: comumente caracterizados como homens, os sarracenos detinham uma masculinidade desviante da norma, que se manifestava pelo hedonismo e pela exorbitância sexual.⁵⁰ Em *Rei de Tars*, as diferenças raciais resultavam em temperamentos distintos, não equânimes moralmente, para os personagens principais da trama.

O sonho da princesa com os cães quando já se encontrava na corte damascena evocava a oposição religiosa-moral representada pelas cores branca e negra encarnada nos personagens: ao dormir, “seu pensamento parecia para ela antes/ uma centena de cães pretos,/ E latindo juntos em seu ouvido”,⁵¹ acompanhados de três demônios flamejantes, enquanto Jesus “falou com ela na forma de homem / com roupas brancas, como um cavaleiro”.⁵²

O último elemento a apontar é o bebê sem forma, gerado da união dessa mãe cristã com um pai sarraceno:

E quando a criança nasceu,
a mulher se lamentou por ele
porque não tinha forma;
era uma bolha de carne⁵³

Durante o período medieval, ocorriam debates médico-filosóficos a respeito

⁴⁸ Para as interações entre “belo”, “bom” e “verdadeiro”, cf.: AERTSEN, Jan. A tríade “verdadeiro-bom-belo”: o lugar da beleza na Idade Média. *Viso – Cadernos de estética aplicada*, n. 4, p. 4-19, 2008.

⁴⁹ FRIEDMAN, op. cit.

⁵⁰ COHEN, op. cit.

⁵¹ “Her thought ther stode hir before/ an hundred houndes blake,/ and bark on hir lasse and more”. Cf.: *The King of Tars*, 419-421.

⁵² “Spac to hir in manhede/ in white clothes als a knight”. Cf.: *The King of Tars*, 446-447.

⁵³ “And when the child was ybore,/ wel sori wimen were therfore,/ for lim no hadde it non, limb/ bot as a rond of flesche yschore”. Cf.: *The King of Tars*, 574-577.

da transmissão entre gerações de atributos físicos como traços fisionômicos e a cor da pele, inclusive no que concerne à mestiçagem. Predominava, então, a teoria aristotélica que relacionava as semelhanças entre pais e filhos ao poder do esperma paterno: quanto mais forte, mais parecido o filho com o pai e, quanto mais fraco, mais parecido o filho com a mãe. Se o sêmen fosse demasiadamente fraco, a criança lembraria ninguém da sua família.⁵⁴

No *Rei de Tars*, o sultão primeiramente culpou sua mulher pela falsa conversão e não à sua diferença religiosa e racial pela situação; porém, em conformidade com Aristóteles, o poema associou a ausência de forma à deficiência do soberano damasceno.⁵⁵ Como Calkin demonstrou, a criança era disforme em função dos vínculos entre fé e corporeidade, em que sua monstruosidade decorreria da impossibilidade de uma categorização religiosa e da incapacidade do pai sarraceno de dar contornos definidos a um filho gerado com uma mulher cristã.⁵⁶ Portanto, essa passagem do poema evidenciava a impotência sarracena ante a fé verdadeira.

A divergência religiosa do casal protagonista, que é o conflito da trama de *Rei de Tars*, foi reforçada pelo poeta pelo recurso a *tropos* raciais – no caso, a associação da negritude com a negatividade moral, estética, mental e humana, enquanto a branquitude, o extremo-oposto. A tensão se aprofunda com o nascimento de uma criança sem forma, revelando que, afinal, o soberano muçulmano não teria o poder de sobrepujar a fiel cristã. A visualidade do *tropo* racial, assentada nos saberes científicos da época, favorecia os processos mnemônicos para uma eventual recitação poética ou recordação da mensagem moral pela audiência.

Transformação racial

No tópico anterior, demonstrei como *O Rei de Tars* racializava a diferença religiosa entre os protagonistas de modo a afirmar a inferioridade moral e a

⁵⁴ LUGT, op. cit. p. 97-134

⁵⁵ CZARNOWUS, Anna. “Stille as ston”: oriental deformity in *The King of Tars*. *Studia Anglica Posnaniensia*, n. 44, p. 463-474, 2008.

⁵⁶ CALKIN, Siobhain Bly. Marking religion on the body: Saracens, categorization, and “The King of Tars”. *The Journal of English and Germanic Philology*, v. 104, n. 2, p. 219-238, 2005.

incapacidade sarracena de se impor sobre uma cristã. O recente interesse dos medievistas por este poema, desencadeado pela aproximação da área com os estudos raciais, deve-se apenas em parte a isso. Outro aspecto incitou a atenção acadêmica sobre o documento: na trama, a adesão ao cristianismo opera transformações raciais. Detenho-me agora neste ponto.

Numa reflexão sobre o caráter universalista do cristianismo primitivo e sua relação com o racismo moderno, Denise Kimber Buell argumentou que a reivindicação inclusiva cristã detinha potenciais tanto antirracistas quanto racistas. Segundo a autora, no início da Era Comum, postulava-se que a fé era acessível a todos, independentemente de posição social, gênero, raça ou etnia. A conversão implicaria no ingresso no povo de Deus e na aquisição de uma nova essência, que independeria das distinções pregressas. Na avaliação de Buell, o potencial discriminatório do cristianismo antigo estaria no significado desse universalismo a quem não fosse cristão: ignorante condenado que, ante a oferta da transformação redentora, caberia apenas a subordinação à autoridade divina. A mudança proporcionada pelo cristianismo, nessa perspectiva, seria compulsória.⁵⁷

As considerações de Buell contribuem para a análise de um aspecto do *Rei de Tars*: os personagens que se tornaram cristãos, a criança sem forma e o sultão, experimentaram transformações físicas. No primeiro caso, foi o ritual do batismo que operou a mudança corporal, mas não sem antes o fracasso dos ídolos do sarraceno. No segundo, o damasceno, testemunhando o sucesso do Deus cristão e se convertendo, vê-se mudando de cor. Em ambos, a corporeidade anterior e díspar dá lugar a uma nova em função da fé, adequando-se a um esquema de atribuição de essências a grupos humanos pelos entrelaçamentos entre raça e religião suscetíveis a mudanças. Buell sublinhou que é justamente essa conjunção entre fixidez e mobilidade que conferem força ao discurso racial.⁵⁸

O bebê, que era o resultado de um casamento interdito entre duas comunidades raciais e religiosas, ganhou forma ao receber o batismo que o

⁵⁷ BUELL, Denise Kimber. Early christian universalism and modern forms of racism. In: ELIAV-FELDON, Miriam; ISAAC, Benjamin; ZIEGLER, Joseph. *The origins of racism in the West*. Cambridge: 2009, p. 109-131.

⁵⁸ Ibidem. p. 113.

introduziu na Cristandade. Segundo Calkin, a criança indicaria o fator caótico que a quebra de fronteiras entre cristãos e sarracenos causaria e evidenciaria a necessidade das divisões e categorizações que o casamento interconfessional rompeu.⁵⁹ O batismo trazia ao filho a forma e vitalidade que o sultão foi incapaz de dar, explicitando que sua plena integração à comunidade cristã o subordinou ao poder superior de Deus.

A transformação do soberano damasceno ocorreu de maneira diferente. Após testemunhar o fracasso de seus ídolos e o sucesso da divindade cristã, o sultão aceitou ser batizado. Conforme observou Whitaker, a mudança corporal ocorreu entre o padre ceder o seu nome durante a preparação para o batismo e a realização do ritual:⁶⁰

O padre cristão se chamava Cleophas;
Ao nomear o sultão de Damasco
Deu o seu próprio nome.
Sua pele, que era negra e repugnante,
Toda branca se tornou pela graça de Deus
E clara sem culpa.
E quando o sultão viu aquele sinal,
Elevou sua vontade a Deus todo-poderoso.⁶¹

Na narrativa, a constatação da própria mudança de cor precede a adesão efetiva à fé cristã, embora a conversão racial e a religiosa ocorram em paralelo. Na interpretação de Whitaker, o poeta não revelou detalhes da negritude do sultão ou explicou se o personagem já nasceu com a pele daquela cor; sua preocupação não era com a exatidão ou com os pormenores da corporeidade pregressa, mas em conferir à cena da conversão um caráter espetacular, logo memorável.⁶² Ao se tornar branco e cristão, o damasceno se integrou à mesma comunidade da sua esposa, aliou-se ao rei de Tars e lutou ao lado dele contra sarracenos muçulmanos remanescentes.

⁵⁹ CALKIN, op. cit.

⁶⁰ WHITAKER, *Black...* op. cit., p. 22.

⁶¹ “The Cristen prest hight Cleophas;/ he cleped the Soudan of Damas/ after his owthen name./ His hide that blac and lothely was/ al white bicom thurth Godes gras/ and clere withouten blame./ And when the Soudan seye that sight,/ than leved he wele on God almight”. Cf.: *The King of Tars*, 919-925

⁶² WHITAKER, Cord J. *Black metaphors*. How modern racism emerged form medieval race-thinking. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2019. p. 31.

Em contraposição ao filho e ao marido, não há passagens que sugiram que a princesa se transformou de algum modo. Mesmo ao aceitar se converter à fé do sultão e ao pedir para que aprendesse as práticas idólatras, o poeta não apontou mudanças físicas na personagem. Ao contrário: mesmo performando o Islã, prosseguia intimamente como cristã, tal como se evidencia no conflito concernente ao bebê sem forma.

No tópico anterior, constatei que o manejo dos tropos raciais em *Rei de Tars* evidenciava a oposição religiosa, favorecendo a recordação da mensagem moral subjacente à narrativa: a necessidade de separação entre cristãos e sarracenos, sendo o muçulmano fraco e incapaz de prevalecer. No presente tópico, observei que apenas a integração do sultão e do bebê à comunidade cristã resultava em mudanças físicas. De ambos, infiro que o *Rei de Tars* consistia num poema que reificava uma Cristandade cuja identidade era demarcada a partir de fronteiras que estabelecia em relação ao Outro, o sarraceno. No poema, o binarismo simbólico entre branco e negro foi manejado como tropo racial que estabelecia a cisão entre o sarraceno e a cristã na visibilidade de seus corpos. A racialização foi um recurso do poeta para tornar memorável a mensagem a ser lida ou ouvida: a superioridade e universalidade da fé cristã e de que apenas o verdadeiro Deus deteria o poder de transformar.

Conclusão

No decurso deste trabalho, apresentei reflexões que permeiam as investigações que venho realizando a respeito da presença de negros em textos cristãos latinos da Idade Média. Apesar da recorrência com que personagens de pele negra sejam mencionados na literatura do período, poucos foram os estudos dedicados a analisá-los. Recentemente, alguns medievistas propuseram a aproximação com as perspectivas teóricas dos estudos raciais, obtendo parâmetros teóricos sólidos para investigações.

Os estudos medievais foram institucionalizados como cátedra universitária num contexto de vigência de projetos nacionalistas e coloniais baseados em perspectivas racistas. As representações populares da Idade Média se formaram

nessas mesmas condições. Como resultado, hoje somos herdeiros de uma ideia embranquecida e desracializada do medieval, que é eurocêntrica e instrumentalizável por supremacistas. O recurso aos novos subsídios historiográficos consiste numa ferramenta para a construção de uma outra concepção de Idade Média, mais condizente com as demandas da atualidade.

Para que raça seja uma categoria válida para a área de História Medieval, cabe algumas precauções prévias para se evitar os anacronismos. Reconhecer que havia discurso racial antes da modernidade não significa afirmar que esse funcionava da mesma maneira, sob os mesmos parâmetros ou com a mesma intensidade que na modernidade. Ao contrário: a raça demarcava diferenças operando em conjunto com outros elementos, como gênero, sexualidade e religião.

Nas investigações que venho empreendendo, tenho heurísticamente assumido que raça operava como tropo na literatura cristã. Com isso, sugiro que a produção textual da Idade Média apresentava personagens negros tendo como preocupação não os sujeitos negros concretos, mas a evocação do valor simbólico da negritude para propósitos diversos. Para ilustrar essa abordagem, realizei uma sucinta análise do poema inglês *Rei de Tars*, em que uma princesa cristã branca casa com um sultão muçulmano negro, dando à luz a um filho que era apenas uma bolha de carne. Ao manejar tropos raciais em versos que poderiam ser lidos ou recitados oralmente, o poeta articulava simbolicamente premissas então em voga sobre a expressão fisionômica e moral da diferença, tornando sua trama memorável.

Artigo recebido em 28/12/2022

Artigo aceito em 15/05/2024